

EM DEFESA DE UM NOVO PROJETO ILUMINISTA DE SOCIEDADE PARA ACABAR COM O CALVÁRIO HUMANO NO MUNDO

Fernando Alcoforado*

Este artigo tem por objetivo demonstrar a necessidade de um novo projeto Iluminista para acabar com o calvário em que se acha submetida a humanidade ao longo da história que atingiu seu nível mais elevado durante a existência do capitalismo na era contemporânea pugnando pela edificação de um novo modelo de sociedade que proporcione benefícios para todos os seres humanos. Calvário significa martírio, sofrimento. Um observador atento ao que acontece no mundo percebe o calvário sofrido pela humanidade ao longo da história. Este calvário se caracteriza pela exploração do homem pelo homem com a escravidão durante o escravismo na Antiguidade, da servidão durante o feudalismo na Idade Média e do trabalho assalariado durante o capitalismo do século XII até a era contemporânea que contribui para o crescimento das desigualdades sociais, o aumento da criminalidade e da violência entre os seres humanos, o cerceamento das liberdades políticas em inúmeros países e a escalada dos conflitos internacionais e do terrorismo.

1. O calvário da humanidade

O calvário da humanidade começa com a escravidão na Antiguidade, evoluiu para a servidão na Idade Média as quais foram mantidas sob diversas formas em várias partes do mundo até a era contemporânea. A escravidão é uma “instituição” das mais antigas da história humana, e ao mesmo tempo um problema do presente. A escravidão se operava nas primeiras civilizações (como a Suméria, na Mesopotâmia em 3500 a.C.). Ela se tornou comum em grande parte da Europa durante o início da Idade Média e continuou nos séculos seguintes. A escravidão ocorria com prisioneiros de guerra, por dívida, punição por crime, crianças abandonadas e o nascimento de crianças escravas filhos de escravos. A escravidão surgiu na Antiguidade devido as necessidades de trabalho criadas pela invenção da agricultura, quando certos grupos passaram a aplicar aos escravos os mesmos processos e os mesmos instrumentos que já usavam não só para controlar os animais, como o curral, a coleira, o cabresto, a peia, a chibata e a castração, mas também para distinguir a posse, como a marca a ferro ardente e o corte na orelha.

Com o fim do escravismo com a queda do Império Romano, houve a consolidação do sistema feudal na Alta Idade Média na Europa no qual a nova classe social que surgia naquele momento - os grandes proprietários de terras- criou a dependência financeira de uma classe mais baixa que estava subordinada a esses proprietários: os servos que eram trabalhadores das grandes terras comandadas pelos “senhores feudais” e viviam nas redondezas da propriedade. Estavam vinculados à terra pelo trabalho e não tinham direito de salário ou benefícios; trabalhavam para morar no local e recebiam os suprimentos necessários para se alimentarem e sobreviverem. Diferente dos escravos, os servos não podiam ser vendidos pelos senhores feudais. Eram responsáveis pela mão-de-obra da propriedade, cuidando da parte agrícola. Algumas mulheres cuidavam do serviço doméstico do proprietário e, ao mesmo tempo, da plantação local.

Apesar do escravismo ter sido abolido na Europa na Idade Média, observa-se o uso da escravidão durante a colonização das Américas com o tráfico de escravos africanos, ponto de partida para a formação dos estados e dos impérios ultramarinos modernos. Do século XVIII até o final da 1ª Guerra Mundial, se estabelece um segundo período estrutural da história da escravidão no Ocidente caracterizado pelo desenvolvimento do imperialismo, particularmente o britânico, e do capitalismo industrial, marcado pela sombra da

escravidão que contradiz as ideologias do trabalho livre e da missão civilizatória europeias. No Brasil, a assinatura da lei Áurea, em 13 de maio de 1888, decretou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sob outra, porém o trabalho semelhante ao escravo se manteve de outra maneira. A forma mais encontrada após a escravidão no Brasil é a da servidão, ou “peonagem”, por dívida. Nela, a pessoa empenha sua própria capacidade de trabalho ou a de pessoas sob sua responsabilidade (esposa, filhos, pais) para saldar uma conta. Cerca de 40,3 milhões de pessoas em todo o mundo foram submetidas a atividades análogas à escravidão em 2016, segundo o relatório Índice Global de Escravidão 2018, publicado pela fundação Walk Free e apresentado na ONU. No Brasil, são quase 370 mil pessoas submetidas a atividades análogas à escravidão.

A escravidão e a servidão são formas de exploração do homem pelo homem que foram substituídas pelo trabalho assalariado desde que o capitalismo passou a existir a partir do século XIV. O calvário da humanidade continuou, também, sob o capitalismo. Segundo Marx, toda riqueza na sociedade capitalista é produto do trabalho, criada pelos esforços físicos e mentais da classe trabalhadora. Os lucros, que significam o retorno sobre o capital, são como Marx explicou nada mais do que o trabalho não pago à classe trabalhadora, isto é, a diferença entre o valor que é produzido e o valor que reverte aos trabalhadores na forma de salários. Uma taxa crescente de lucro, portanto, apenas implica em uma exploração crescente da classe trabalhadora, o que significa necessariamente uma maior parte da riqueza na sociedade se acumulando nas mãos dos capitalistas – uma pequena elite de exploradores. Marx demonstrou em seus três volumes de *O Capital* (Boitempo Editorial, São Paulo, 2013) como, por vários meios, o capitalismo pode explorar a classe trabalhadora por maiores lucros: 1) estendendo a jornada de trabalho, através de uma intensificação do trabalho dentro de um dado tempo; e, 2) aumentando a eficiência e a produtividade dos trabalhadores, através da substituição de trabalho por máquinas etc. Tudo isto se reflete no aumento da proporção do trabalho não pago em relação ao valor do que é produzido pelos trabalhadores.

Este tipo de exploração é inerente ao capitalismo. Se os trabalhadores não recebem de volta o pleno valor de seu trabalho – o que é necessariamente o caso em um sistema de propriedade privada e de produção para o lucro – então, não podem comprar de volta todas as mercadorias que produzem. Esta situação tende a criar situações de superprodução que, historicamente, têm resultado na queda da produção e no aumento do desemprego que leva inevitavelmente a crises tendentes à depressão como a que experimentamos em 1929 e atualmente, na qual todas as contradições acumuladas no sistema capitalista mundial estão se agravando. Marx mostra as verdadeiras causas das desigualdades sociais que estão relacionadas com a expropriação da renda dos trabalhadores pelos capitalistas detentores dos meios de produção. Para superar este problema, Karl Marx defende o fim do capitalismo com a implantação do socialismo e, mais tarde, do comunismo para acabar com as desigualdades sociais.

As desigualdades sociais têm sido crescentes em todos os quadrantes da Terra. Thomas Piketty afirma em seu livro *Capital in the Twenty-First Century* (*Capital no século XXI*), publicado pela The Belknap Press of Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 2014, que o capitalismo de livre mercado tendeu, através da história, a produzir níveis cada vez maiores de desigualdade. Esta é exatamente a conclusão teórica de Marx, no primeiro volume de sua versão de *O Capital*. Em *O Capital* de Marx, a desigualdade é vista não como o resultado da distribuição da riqueza como *O Capital no Século XXI* de Piketty apresenta, mas como um resultado inevitável da produção da riqueza sob o capitalismo.

O aumento da criminalidade e da violência entre os seres humanos é crescente no mundo. A violência mata mais de 1,6 milhão de pessoas no mundo a cada ano, segundo relatório divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A violência é hoje a principal causa das mortes de pessoas entre 15 e 44 anos respondendo por 14% das mortes de homens e 7% das mortes de mulheres (Ver o artigo *Violência no mundo mata 1,6 milhão de pessoas por ano* publicado no website <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2002/021003_violenciamv.shtml>). Nos últimos 30 anos, as vítimas de homicídios no Brasil chegam a mais de 1 milhão de pessoas. (Ver o artigo *Violência no Brasil: pior que Iraque, Angola e Afeganistão* publicado no website <<http://blogdotas.terra.com.br/2011/12/28/violencia-no-brasil-pior-que-iraque-angola-e-afeganistao/>>).

As liberdades políticas estão sendo cerceadas em inúmeros países. Atualmente, 49 países no mundo vivem em regime ditatorial – segundo levantamento da Freedom House, ONG americana que monitora anualmente as democracias ao redor do mundo. O relatório de 2018 da ONG informa que há uma crise democrática global – uma vez que, pelo 12º ano seguido, a Freedom House encontrou um “saldo negativo”: o número de países que sofreu com guinadas para o autoritarismo foi maior do que o de nações que tiveram evoluções positivas em seus sistemas democráticos. Essas nações não permitem o voto popular periódico para escolher os governantes e tampouco liberdade de expressão. Em algumas delas, os governos afirmam que são democráticos e até organizam eleições. No entanto, os candidatos da oposição são sempre ameaçados e acabam desistindo ou morrendo “misteriosamente” pouco antes do pleito e há diversas acusações de fraude nas eleições.

A escalada dos conflitos internacionais é crescente no mundo. Vários são os países que podem se constituir em focos de eclosão de conflitos internacionais no mundo destacando-se, entre eles, a Síria, Palestina, Israel, Irã e Coreia do Norte. Igor Gielow, especialista em jornalismo internacional que cobriu conflitos no Líbano, Israel, Argélia, Paquistão, Afeganistão, entre outros países, fez prognóstico sobre os principais riscos de conflito internacional que a humanidade correria em 2018, apresentado no jornal Folha de S. Paulo. Os principais riscos de conflito no mundo em 2018 foram objeto de avaliação por analistas de consultorias e instituições como o Conselho de Relações Exteriores (EUA), a Geopolitical Futures (EUA), Instituto Internacional para Estudos Estratégicos (Reino Unido), o Centro de Análise de Estratégias e Tecnologia (Rússia) e outros. Uma guerra entre os EUA e a Coreia do Norte, envolvendo Coreia do Sul e Japão, confronto entre o Irã e a Arábia Saudita a partir de um ataque com míssil por rebeldes xiitas no Iêmen contra Riad, uma nova intifada, somada a um ataque coordenado do Hizbullah contra Israel, guerra civil na Venezuela, terrorismo islâmico na Europa e América do Norte e ciberataques generalizados são alguns dos riscos que ameaçam a humanidade (GIELOW, Igor. *Saiba quais são os principais riscos que a humanidade corre em 2018*. Disponível no website <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/12/1946506-saiba-quais-sao-os-principais-riscos-que-a-humanidade-corre-em-2018.shtml>>, 2017).

A escalada do terrorismo tende a crescer no mundo. Podem ser considerados como terroristas todo e qualquer ato ou organização que utilize métodos violentos ou ameaçadores para alcançar um determinado objetivo político. Assim, sequestros, atentados a lugares públicos e privados, ataques aéreos, assassinatos ou outras formas de agressão podem ser relacionados com o terrorismo. O mundo vive na atualidade dois tipos de terrorismo globalizado: 1) o terrorismo de Estado praticado pelas grandes potências capitalistas, sobretudo pelos setores dirigentes dos Estados Unidos e seus aliados visando

a conquista de recursos naturais e a dominação dos mercados dos países capitalistas periféricos; e, 2) o terrorismo praticado por organizações que reagem à ação imperialista em todo o mundo, sobretudo árabes, combatendo a ocupação militar de seus países pelas potências ocidentais, como ocorre no Iraque e no Afeganistão, ou agindo nos países capitalistas centrais como atesta o atentado do World Trade Center em New York.

2. O fracasso do Iluminismo, da Modernidade e do Socialismo em mudar o mundo em benefício da humanidade

Houve três grandes acontecimentos da história da humanidade que trouxeram muita esperança de que seria dado início à construção de um mundo e de um homem novo com a eliminação dos grilhões da opressão no pensamento, a eliminação das desigualdades sociais e das restrições ao processo de desenvolvimento. O primeiro grande acontecimento diz respeito ao Iluminismo, o segundo, ao nascimento da Modernidade e, o terceiro, a construção do Socialismo. Com o Iluminismo, esperava-se que prevalecesse a tolerância, o humanismo e o respeito à natureza e se afirmaria o direito à liberdade e à igualdade entre os homens. Com a Modernidade, esperava-se que a sociedade alcançaria, por sua vez, progresso ininterrupto em benefício da humanidade graças à ciência e à tecnologia. Com o Socialismo, esperava-se a emancipação da humanidade com o fim da exploração do homem pelo homem, a eliminação das desigualdades sociais e a conquista da felicidade para todos os seres humanos em uma sociedade igualitária.

É preciso observar que o Iluminismo é o nome que se dá à ideologia que foi sendo desenvolvida e incorporada pela burguesia na Europa a partir das lutas revolucionárias do final do século XVIII cujos temas giravam em torno da Liberdade, do Progresso e do Homem. O Iluminismo tinha como propósito corrigir as desigualdades da sociedade e garantir os direitos naturais do indivíduo, como a liberdade e a livre posse de bens. O humanismo iluminista do século dezoito já propunha que o ser humano e sua dignidade fosse o centro e o valor fundamental de todas as ciências, impondo assim também que fosse a preocupação máxima de todo ordenamento jurídico, de todo sistema jurídico.

O Iluminismo forneceu o lema da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade) e fecundou-a na medida em que seus seguidores se opunham às injustiças, à intolerância religiosa e aos privilégios do absolutismo. As teses políticas do Iluminismo foram movidas pelo ideal de liberdade, igualdade e fraternidade que nunca aconteceu em nenhuma parte do mundo. Desde a Revolução Americana de 1776 e a Revolução Francesa de 1789 até o presente momento, as promessas políticas do Iluminismo foram abandonadas em todo o mundo com a adoção de práticas imperialistas pelas burguesias e pelos governos das grandes potências capitalistas a elas associados, o desencadeamento de 3 guerras mundiais (1ª Guerra Mundial, 2ª Guerra Mundial e a Guerra Fria), o advento do fascismo e do nazismo, a realização de intervenções militares e o apoio a golpes de estado em vários países da periferia capitalista.

O fracasso do Iluminismo abriu caminho para o advento da ideologia marxista em todo o mundo que se propunha a dar um passo à frente com a construção do Socialismo buscando o fim da exploração do homem pelo homem com a redução das desigualdades econômicas entre as classes sociais e, no futuro, sua completa abolição. Os fatos da história demonstram que as teses iluministas que nortearam as revoluções burguesas no século XVIII e as teses marxistas com base nas quais foram realizadas as revoluções socialistas no século XX fracassaram porque não cumpriram suas promessas históricas de conquista da felicidade humana.

O socialismo fracassou na União Soviética e em outros países ao longo do século XX pelo fato de os detentores do poder terem tido sua oportunidade histórica com base em uma estratégia de duas etapas para transformar o mundo (tomar o poder do Estado, depois transformá-lo), e que não tinham cumprido sua promessa histórica. O socialismo fracassou no mundo porque não adotou o lema universal de “liberdade, igualdade e fraternidade” visando a consecução da felicidade dos seres humanos, buscando apenas a igualdade que não se realizou na prática em nenhum lugar nem mesmo com a implantação de ditaduras e do regime de terror. O socialismo fracassou porque não proporcionou a felicidade para os seres humanos que só poderá ser obtida na medida em que o lema "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" como herança do Iluminismo ao final do século XVII e invocado pela primeira vez durante a Revolução Francesa seja colocado em prática. Este lema é universal porque traduz os anseios de todos os seres humanos, tornando-se o grito de ativistas em prol da democracia e da derrubada de governos opressores e tiranos de todo tipo e que, erroneamente foi associado apenas às revoluções burguesas que ocorreram na história, e não foi adotado nas revoluções socialistas que ocorreram no mundo e sim apenas a busca da igualdade. Este foi um dos principais fatores responsáveis pelo fracasso do socialismo no mundo. Não basta a busca, portanto, da igualdade para conquistar a felicidade do povo (Ver o artigo *As causas do fracasso na construção do socialismo e seu futuro* de nossa autoria no website https://www.academia.edu/44220968/AS_CAUSAS_DO_FRACASSO_NA_CONSTRUC%C3%A7%C3%A3O_DO_SOCIALISMO_E_SEU_FUTURO).

A Modernidade, por sua vez, nasceu no século XVIII com a 1ª Revolução Industrial significando um extraordinário esforço intelectual dos pensadores iluministas para desenvolver a ciência e a razão e descobrir as leis universais. A ciência adquiriu uma importância fundamental para o progresso humano, mediante as contínuas inovações tecnológicas. A ideia era usar o acúmulo de conhecimento gerado em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária. A Modernidade é definida também como um período identificado com a crença no progresso e nos ideais do Iluminismo. Entretanto o que se observou foi que a expectativa quanto aos frutos da ciência foi dolorosamente interrompida por eventos que marcaram a sociedade atual. O principal deles foi sem dúvida às catástrofes da I e da II Guerra Mundial. Na verdade a ciência contribuiu para a barbárie de duas guerras mundiais com a invenção de armamentos bélicos poderosos e destrutivos. A ciência e a tecnologia passaram a ser utilizadas para o bem e para o mal.

Adicione-se o fato de que a ciência perdeu o seu valor, como resultado da desilusão com os benefícios que associados à tecnologia trouxe à humanidade. Todo esse desenvolvimento científico culminou na era atual com uma crise ecológica mundial que pode resultar em uma mudança climática global catastrófica. Nesse sentido pode-se duvidar dos reais benefícios trazidos pelo progresso científico e tecnológico. Em sua obra *A Dialética do Esclarecimento* (Zahar Editora, 1985), Theodor Adorno e Max Horkheimer desconstruem o mito de que o Iluminismo traria a liberdade por investir os homens na posição de senhores, pela superação da própria dominação, que foi substituída pela razão do capitalismo de mercado. Por sua vez, o controle sobre a natureza fora mantido, mas agravado na forma de dominação sobre os homens. E o capitalismo de mercado tornou-se a instância privilegiada dessa modalidade de controle. Sendo global e onipresente, o capitalismo de mercado dispõe da técnica necessária, fornecida pela ciência, para fazer dos homens engrenagens de seu motor, anulando-os, através do princípio econômico da concorrência total. O totalitarismo do capitalismo de mercado

extingue o pensamento autônomo e reforça a uniformidade e a unanimidade em uma sociedade de massa, amorfa como a que vivemos na era contemporânea no mundo.

Coligadas, distantes dos indivíduos, capitalismo, ciência e tecnologia, fundidas agora como se fossem uma instância única, consolidam sua supremacia sobre a sociedade contemporânea, determinando seus rumos com a mesma desfaçatez e impessoalidade de uma mão invisível, segundo Adorno e Horkheimer. Michael Lowy, sociólogo e filósofo franco-brasileiro, afirma que a barbárie moderna ou “barbárie gerada no seio das sociedades ditas civilizadas” se caracteriza pelo uso de meios técnicos modernos (industrialização do homicídio, extermínio em massa graças às tecnologias científicas de ponta), pela impessoalidade do massacre (populações inteiras - homens e mulheres, crianças e idosos - são “eliminados”, com o menor contato pessoal possível entre quem toma a decisão e as vítimas), pela gestão burocrática, administrativa, eficaz, planificada, “racional” (em termos instrumentais) dos atos bárbaros e pelo uso de ideologia legitimadora do tipo moderno: biológica, higiênica, científica (Ver *Barbárie e modernidade no século 20* de Michael Lowy, publicado no Brasil pelo jornal “Em Tempo” - emtempo@ax.apc.org e, originalmente em francês, na revista “Critique Communiste” nº 157, hiver 2000).

3. Como mudar o mundo para acabar com o calvário humano

Como edificar uma nova sociedade que contribua para o fim do capitalismo para acabar com o calvário humano representado pela exploração do homem pelo homem, as desigualdades sociais e a violência contra os seres humanos para possibilitar o uso da ciência e tecnologia em benefício de toda a humanidade e a conquista da felicidade para todos os seres humanos? A solução proposta por Karl Marx para levar ao fim do capitalismo é a implantação do socialismo e, posteriormente, do comunismo, que é considerado utópico por muitos analistas em vista do fracasso do socialismo real implantado na União Soviética e em outros países. Eric Hobsbawm ofereceu uma resposta para a construção de uma nova sociedade em artigo publicado no jornal britânico The Guardian em 16/04/2009, sob o título *Pressupostos teóricos da “economia mista”*, quando afirmou que conhecemos duas tentativas práticas de realizar ambos os sistemas, socialista e capitalista neoliberal, em sua forma pura: por um lado, as economias de planificação estatal, centralizadas, de tipo soviético; por outro, a economia capitalista de livre mercado isenta de qualquer restrição e controle. As primeiras vieram abaixo na década de 1980, e com elas os sistemas políticos comunistas europeus; a segunda está se decompondo diante de nossos olhos na maior crise do capitalismo global ocorrida em 2008.

Hobsbawm disse que o futuro pertence às economias mistas nas quais o público e o privado estejam mutuamente vinculados de uma ou outra maneira. Isto significa dizer que a Social Democracia com o Estado de Bem Estar social, o mais bem sucedido sistema já implantado no mundo, que incorpora os elementos mais positivos tanto do socialismo como do capitalismo, especialmente nos países escandinavos, onde se busca colocar em prática o lema universal de liberdade, igualdade e fraternidade, poderia ser a solução para o problema de restrições ao exercício da liberdade em vários países do mundo, a crescente desigualdade social que avassala o planeta em que vivemos e a falta de fraternidade entre os seres humanos.

A Social Democracia com o Estado de Bem Estar social, que incorpora elementos tanto do socialismo como do capitalismo, o mais bem sucedido sistema já implantado no mundo, especialmente nos países escandinavos, é exemplo de economia mista sugerida por Hobsbawm que poderá ser adotado no futuro após o “tsunami” neoliberal que domina

o planeta em que vivemos. Os países escandinavos são aqueles que apresentam os melhores indicadores econômicos e sociais no mundo. Em 2013, a revista *The Economist* declarou que os países nórdicos são provavelmente os mais bem governados do mundo. O relatório *World Happiness Report 2020* da ONU mostra que as nações mais felizes estão concentradas no Norte da Europa. Os nórdicos possuem a mais alta classificação no PIB real *per capita*, a maior expectativa de vida saudável, a maior liberdade de fazer escolhas na vida e a maior generosidade.

De 2013 até hoje, sempre que o Relatório Mundial da Felicidade (*World Happiness Report- WHR*) da ONU publica sua classificação anual de países, os cinco países escandinavos ou nórdicos - Finlândia, Dinamarca, Noruega, Suécia e Islândia - estão todos entre os dez primeiros do mundo, com os países nórdicos ocupando os três primeiros lugares (Ver o website <<https://worldhappiness.report/ed/2020/the-nordic-exceptionalism-what-explains-why-the-nordic-countries-are-constantly-among-the-happiest-in-the-world/>>). A medida superior de felicidade alcançada pelos países escandinavos resulta do fato de neles haver a prática de um nível elevado de democracia e respeito aos direitos políticos, a ausência de corrupção, confiança entre os cidadãos, segurança sentida pela população, coesão social, igualdade de gênero, distribuição igual de renda e elevado Índice de Desenvolvimento Humano. Estes indicadores colocam os países nórdicos nas primeiras posições globais.

A social democracia nos moldes escandinavos pode ser considerado como paradigma de novo modelo de sociedade a edificar em substituição ao capitalismo porque a social democracia construída até hoje nos países escandinavos é o único modelo de sociedade que permitiu avanços econômicos, sociais e políticos simultâneos. O modelo nórdico ou escandinavo de social democracia poderia ser melhor descrito como uma espécie de meio-termo entre capitalismo e socialismo. Não é nem totalmente capitalista nem totalmente socialista, sendo a tentativa de fundir os elementos mais desejáveis de ambos em um sistema "híbrido".

Além da construção da social democracia nos moldes escandinavos em substituição ao capitalismo em cada país do mundo, é preciso implantar um governo mundial para promover o progresso nas relações internacionais visando eliminar o caos na economia mundial, garantir a paz mundial e evitar a degradação do meio ambiente do planeta. O governo mundial deveria ser eleito pelo parlamento mundial a ser constituído com a participação dos países de todo o mundo. O governo mundial é necessário porque a economia mundial opera caoticamente sem nenhum planejamento e controle, as relações internacionais não possuem um órgão global capaz de mediar conflitos, prevenir guerras, garantir a paz mundial e o meio ambiente do planeta se encontrar ameaçado pelo esgotamento dos recursos naturais e pelas mudanças climáticas que podem ser catastróficas para a humanidade. Organizações internacionais atuais, como ONU, FMI, Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio, entre outras, não têm o poder de promover o progresso nas relações internacionais do planeta.

Enquanto a humanidade não construir um poder mundial comum prevalecerá a lei das selvas, isto é o estado de natureza no plano internacional. Até o surgimento de um governo mundial, as relações internacionais serão regidas pela lei do mais forte. E este é o pior cenário porque nenhum país por mais poderoso que seja terá capacidade de construir a paz mundial nem solucionar os problemas do planeta. A causa principal da insegurança internacional é a falta de um poder mundial comum e o único meio para isso é que todos

os estados nacionais consintam em compartilhar suas soberanias com um governo mundial. Isto significa dizer que os governos nacionais continuariam a exercer plenos poderes em seu território, mas, no plano das relações internacionais aceitariam as decisões tomadas pelo parlamento mundial representativo de todos os países do mundo que teria como executor o governo mundial.

As crises econômica, financeira, ecológica, social e política, o desenvolvimento de atividades ilegais e criminosas atuais e o avanço do terrorismo mostram que elas são insolúveis sem a existência de um governo mundial. É preciso entender que os problemas que afetam a economia mundial e o meio ambiente global e aqueles que contribuem para o avanço do terrorismo só poderão ser solucionados com a existência de um governo mundial verdadeiramente democrático representativo de todos os povos do mundo. O Direito Internacional não pode ser aplicado e respeitado sem a presença de um governo mundial que seja aceito por todos os países e assegure sua governabilidade.

4. Conclusões

Pelo exposto, estão estabelecidas as bases de um novo modelo de sociedade que possibilitaria construir um mundo de paz e progresso para a humanidade. O desaparecimento no mundo de hoje das últimas reservas de racionalidade crítica preconizada pelo Iluminismo e o fracasso da Modernidade e do Socialismo, que se degradaram em sucessivos processos de autodestruição ao longo do tempo, exigem que os pensadores contemporâneos se mobilizem na reinvenção de um novo projeto iluminista como fizeram os pensadores do século XVIII com base no que acabamos de propor visando a construção de um mundo novo que leve ao fim o calvário da humanidade.

Para viabilizar a construção da social democracia nos moldes escandinavos em cada país do mundo e de um governo mundial devemos adotar a estratégia por nós proposta em nosso livro *Como inventar o futuro para mudar o mundo*, publicado pela Editora CRV de Curitiba em 2019, que considera ser preciso, de início, constituir um Fórum Mundial pela Paz e pelo Progresso da Humanidade por organizações da Sociedade Civil de todos os países do mundo. Neste Fórum deveriam ser debatidos e estabelecidos os objetivos e estratégias de um movimento mundial pela construção da social democracia nos moldes escandinavos em cada país do mundo e pela constituição de um governo e um parlamento mundial visando sensibilizar a população mundial e os governos nacionais no sentido de tornar realidade um mundo em que prevaleça a liberdade, a igualdade e a fraternidade em cada país do mundo e a paz internacional e o progresso para toda a humanidade. Este seria o caminho que tornaria possível transformar a utopia da confraternização universal em realidade e acabar com o calvário da humanidade.

* Fernando Alcoforado, 80, condecorado com a Medalha do Mérito da Engenharia do Sistema CONFEA/CREA, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros *Globalização* (Editora Nobel, São Paulo, 1997), *De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial* (Editora Nobel, São Paulo, 1998), *Um Projeto para o Brasil* (Editora Nobel, São Paulo, 2000), *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia* (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), *Globalização e Desenvolvimento* (Editora Nobel, São Paulo, 2006), *Bahia- Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea* (EGBA, Salvador, 2008), *The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia* (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), *Aquecimento Global e Catástrofe*

Planetária (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2010), *Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global* (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), *Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social* (Editora CRV, Curitiba, 2012), *Energia no Mundo e no Brasil- Energia e Mudança Climática Catastrófica no Século XXI* (Editora CRV, Curitiba, 2015), *As Grandes Revoluções Científicas, Econômicas e Sociais que Mudaram o Mundo* (Editora CRV, Curitiba, 2016), *A Invenção de um novo Brasil* (Editora CRV, Curitiba, 2017), *Esquerda x Direita e a sua convergência* (Associação Baiana de Imprensa, Salvador, 2018, em co-autoria) e *Como inventar o futuro para mudar o mundo* (Editora CRV, Curitiba, 2019).